

O OUTRO É AQUELE QUE NÃO SOU EU: DESTERRO E SOLIDÃO NA COMUNIDADE SURDA

por Clélia Regina Ramos

POEMA EM LINHA RETA, por Fernando Pessoa

*Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.*

*E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
Indesculpavelmente sujo.
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho.
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
Eu que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.*

*Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão um príncipe – todos eles príncipes – na vida...*

*Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
Ó príncipes, meus irmãos,
Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?*

Então só que é vil e errôneo nesta terra?

*Poderão as mulheres não os terem amado,
Podem ter sido traídos – mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
Como posso eu falar com meus superiores sem titubear?
Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.*

Uma história.

Cenário: Um dia de inverno em Paris, em frente ao famoso *Centre Georges Pompidou*, na *Place Beaubourg*, onde artistas de rua costumam fazer apresentações.

Personagem: Eu (e os outros).

Trama: O frio intenso tinha me obrigado, no dia anterior, a comprar no *Mercado das Pulgas* um casaco de lã mais quente. E o casaco era bem comprido, muito fechado, grosso, em um tom verde-escuro, só deixando desprotegidos a cabeça, os pés e as mãos. Na cabeça coloquei um gorro enorme, um cachecol para proteger o pescoço e nas mãos luvas. Botinas forradas com lã de carneiro garantiam meus pés aquecidos.

Do meu corpo, visíveis, restaram os olhos e um pouco, talvez, da tez branca, mais branca que nunca depois de tantos dias sem ver o sol.

O artista que se apresentava naquele dia dançava, cantava e fazia brincadeiras com os turistas, perguntava de onde eles procediam e brincava com clichês culturais de cada país.

Tudo isso se passava em um patamar abaixo do qual eu estava. Ele em frente ao *Pompidou* e eu na rua acima do Centro Cultural.

Não me livreí de ser notada pelo artista, que escalou um pequeno poste, atingindo o parapeito da rua e ali encarrapitado perguntou de onde eu era. Resolvi responder com a pergunta "De onde você acha que sou?" em meu francês sofrível.

"Hungria", ele retrucou prontamente. Eu achei engraçado e bem esperto por parte dele. Um país frio, com mulheres altas e sem nada de especial...Talvez meu sotaque também o tivesse lembrado de alguém daquele país. Hungria foi uma boa tentativa de acerto.

Sorri e corrigi:

"Brasil...".

Cena Final:

Bastou isso para ele se dar por satisfeito, seu trabalho poderia ser finalmente realizado! Ele pulou de volta para o chão e começou a

revirar os olhos enquanto passava sensualmente as mãos pelo corpo, depois sair assoviando *Garota de Ipanema* e rebolando em um "samba carnavalesco alegórico", como posso tentar definir a dança inventada. Todos aplaudiram a performance. Que foi muito boa, aliás...

Se eu fosse um homem, certamente ele sairia imitando "embaixadas" e chutando a bola depois em um gol imaginário.

Fim da história.

Estereótipos que às vezes nos incomodam, que às vezes assumimos sem pestanejar. O povo brasileiro certamente tem uma "cara" própria no imaginário coletivo. E tem também quase duzentos milhões de individualidades em busca dessa "cara"...

Fico pensando como é sempre mais fácil definir quem é o "outro" do que saber quem "sou eu". Afinal, claro, *o outro é aquele que não sou eu*, em uma referência ao pensador francês Jean Paul Sartre¹.

O outro é um monólito com as faces demarcadas.

O outro é uma foto com contornos e cores bem delineados.

O outro é uma frase ("O Brasil não é um país sério", por exemplo).

"Aproximar-se do Outro é fascinante e perigoso, e as aproximações oscilam entre duas propostas radicalmente opostas. Quando Eros é acionado, esse Outro é percebido como o objeto do desejo de Um, desafio e promessa precisamente por ser diferente; quando é Tanatos que entra em jogo, o Outro é aquilo no qual o Um não se reconhece e que deve destruir porque ameaça sua existência transcendente a partir de um código cultural incompreensível, que pode ser percebido até mesmo como inumano. Perder o código cultural; ter que viver com o de outros, que foi imposto; ter que viver o próprio às escondidas; às vezes simplesmente abrir mão por escolha pessoal pode significar morrer".
Borges(2002:2)

"*O surdo é um estrangeiro em sua própria casa*", disse-me um dia o pesquisador (ouvinte) uruguaio Carlos Sánchez, falando sobre questões relativas à identidade surda.

¹ A peça teatral *Huis Clos* (traduzida para o Brasil como *Entre Quatro Paredes*), encenada pela primeira vez em Paris, no ano de 1944, popularizou uma frase de Sartre que posteriormente passou a ser considerada como epíteto da filosofia existencialista "O inferno são os outros".

Seria aquele o destino do meu filho surdo, com sete anos na época, já alfabetizado em Português, falante precário do Português e iniciante na Libras/Língua Brasileira de Sinais? Um menino lindo e alegre, com o qual eu partilhava minha existência, do qual eu conhecia na época todas as palavras que ele sabia falar em Português? Ele seria, então, para sempre e definitivamente O OUTRO?

Os laços que já havia estabelecido na época com a comunidade surda carioca me faziam pressentir que talvez o pesquisador tivesse mesmo razão. Uma lacuna de compreensão às vezes, um muro em outras... Posso garantir que não se trata de uma convivência fácil. Quando imaginamos estar no caminho certo, de repente aparece uma ponte caída que nos impede de continuar. Outras vezes são tantos atalhos para escolher...

Estudos demonstram que entre 90% e 95% dos surdos nascem em famílias de ouvintes. Um dado para ser avaliado, certamente.

Mais de dez anos passados, estudo, reflexão, convivência com a comunidade surda (mais fortemente em sua representação política, trabalhando durante cinco anos na FENEIS/Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) e ainda não encontrei as respostas que busco.

O ingresso no PACC/Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ, onde inicialmente pretendia apenas avaliar a proposta de "tradução cultural" de textos da literatura para a LIBRAS que realizamos há alguns anos (para saber mais: www.editora-arara-azul.com.br), acrescentou novas tensões à pesquisa.

A possibilidade de diálogo com os melhores pesquisadores de nosso país fez-me tomar a decisão de, finalmente, tentar organizar um pouco mais questões que são ainda pouco discutidas no meio dos surdos e buscar, no depoimento dos próprios surdos, em livros e artigos publicados em papel ou digitalmente, algumas indicações de respostas.

Esta é, portanto, a metodologia utilizada nesse trabalho que venho realizando e apresento, aqui, em parte.

Deixar os surdos falar... eles falam, sempre falam...e, então, **escutar** o que eles têm a nos dizer. Não posso resistir à frase feita e dizer que nós, ouvintes, precisamos deixar de ser surdos à fala dos surdos!

Escolhi alguns textos publicados em livros, em artigos de revistas, na internet. Alguns deles foram escritos pelos próprios surdos, outros são entrevistas (realizadas por mim quando fui editora da REVISTA DA FENEIS/FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS) e outros são (re)escritos ou co-escritos por ouvintes (no caso do livro *Mãos fazendo história*). Neste artigo apenas três livros foram utilizados: *Como é ser surdo*, *Mãos fazendo História* e *O vôo da gaivota*.

Todos eles relatam experiências de vida dessas pessoas. Alguns são de surdos brasileiros e outros de surdos norte-americanos, de uma francesa e de uma surda nascida na República Tcheca.

Neste artigo apresentarei apenas uma das tensões culturais enfrentadas pelos surdos e, evidentemente, com os que convivem com eles em alguma instância social.

A questão da comunicação em um nível superficial e da língua compreendida como ferramenta de formatação do pensamento humano em um nível mais profundo, faz com que qualquer tipo de perda auditiva que inviabilize o contato "fácil" entre surdos e ouvintes gere uma relação social bastante peculiar: aqueles que são os representantes da "normalidade fisiológica" passam a sofrer o mesmo tipo de dificuldade que os "deficientes". Na relação com pessoas cegas, por exemplo, os videntes se mantêm em sua posição de superioridade/integridade. O mesmo acontece com pessoas com deficiência motora, neurológica, mental...Mas com os surdos há uma equiparação na dificuldade/impossibilidade de comunicação, que até pode ser agravada quando o ouvinte tenta, através do uso da Libras, efetivar esse contato, fragilizando-se em uma língua que não é a sua.

Enquanto que a relação com pessoas com qualquer tipo de deficiência torna o "não-deficiente" alguém quase que "superior", na convivência com os surdos aparece muito fortemente a figura do OUTRO que incomoda pois não partilha dos mesmos códigos culturais.

Após aprovação da "Lei de Libras" em 2002 (LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002), que em seu Artigo Primeiro diz: "É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados." E, em 2005, com o DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO, que estabelece prazos para a adequação da sociedade para a implantação de diversos serviços (educação, saúde, justiça, mídia etc.) em Libras, há um burburinho no seio da comunidade surda que chega a se tornar muitas vezes em ações de negação do OUTRO ouvinte e seus valores.

Povo surdo

Especialmente nos Estados Unidos, mas o fenômeno também acontece em outros países, incluindo o Brasil, têm se falado no conceito de "povo surdo".

Quais são as características culturais que podem definir uma pessoa surda em dessemelhança com uma pessoa ouvinte? Elas existem, efetivamente? Existiria uma (ou algumas) identidade(s) surda(s) catalogável/catalogáveis?

Vejamos.

Um povo sem lugar: DESTERRO e SOLIDÃO

Os surdos almejam criar uma nação surda que receba surdos de todo o mundo? E se não almejam (nunca li, nem ouvi/vi falar nesse desejo da construção espacial de uma terra surda), o que querem dizer quando se denominam um "povo"? O que reivindicam?

Como formar um povo surdo sem uma comunidade mítica, ingrediente sempre presente na construção desse conceito?

Retomando o dado que entre 90% e 95% dos surdos são filhos de ouvintes, temos uma grande e primeira dificuldade que é a surpresa com o nascimento daquele filho que não ouve (ou um pouco mais complicado quando o bebê adquire a surdez em função de uma meningite, por exemplo, o que torna a ligação de surdez e doença algo tangível) e como fazer para se comunicar com ele. Como fazer para educá-lo?

O bebê surdo é olhado primeiramente sob a ótica médica, sem dúvida. Este cenário poderá mudar em alguns anos (ou não, a depender do rumo que as pesquisas genéticas tomem...) mas, certamente, não acredito que haverá algum dia família ouvinte que irá considerar a possibilidade de abrir mão do seu filho para entregá-lo aos cuidados do "povo surdo" sem discutir.

No entanto, justamente por não conhecer este grupo lingüístico/cultural, a família busca respostas para a situação desconhecida que enfrenta e

encontrará “especialistas”, “pessoas mais experientes”, que irão passar a decidir o que é melhor para a criança.

E aí começa um processo que denomino **DESTERRO** e que, em um primeiro momento acarretará a transferência de responsabilidades e, evidentemente, de poder, sobre seu filho. Na história da educação dos surdos podemos detectar ondas teóricas, sempre capitaneadas por ouvintes, levando as famílias a optarem por internatos em um momento, em escolas de linha oralista, gestualista, bimodal e etc. A depender do que está na moda.

“Fabiane passou por vários exames e tiveram a resposta de que a menina era surda. O jovem casal ficou muito triste e arrasado. Foi muito difícil para sua mãe aceitar a surdez da filha. Estava preocupada com seu futuro.” (MFH, p. 35)

*“A família precisou tomar decisões para que Sylvia e seu irmão tivessem atendimento adequado. Então deixaram Vinhedo rumo a Jundiaí, onde o pai conseguira transferência pelo banco em que trabalhava, na esperança de tentar futuramente outra transferência para São Paulo. A transferência não aconteceu, mas eles vieram mesmo assim. O pai deixou o emprego no banco para tornar-se corretor de imóveis. Tudo para que ela e seu irmão pudessem estudar em escola especial, no caso o *Instituto Santa Teresinha* (IST).” (MFH, p.26)*

“Porém, com relação aos três anos que passei no internato na Morávia, decepcionou-me até aquele remédio mais poderoso, o tempo (...) Durante muito tempo, já na idade adulta, pensava que somente no meu internato as crianças sofriam tanto. Muitos anos depois descobri que estava enganada. Fiquei sabendo de outros surdos o que se passava no internato deles (...). O problema principal estava, claramente, na privação sentimental das crianças (...). Minha mãe me visitava de vez em quando. Não vinha todas as semanas. Lembro-me como não conseguia entender porque minha mãe tinha que me deixar naquele lugar. Acreditava que, se quisesse, poderia levar-me para casa. Quando lhe pedia isso ela chorava, mas não me levava para casa.” (CSS, p.106,108/109)

“Em um belo dia sua tia Maria, que morava aqui em São Paulo², assistiu na televisão uma reportagem sobre o Instituto Santa Teresinha, uma escola especializada para meninas surdas. Para crianças que moravam em outras cidades havia vagas para internato. (...) Com muita dor no

² Fabiane é de Araguari, Minas Gerais.

coração, o jovem casal concordou em levar Fabiane para São Paulo, pois queriam ver a filha crescendo e se desenvolvendo.” (MFH, p. 35/36)

“Seus pais então resolveram mudar definitivamente para São Paulo, pois não agüentavam mais a dor e o sofrimento de viverem separados. (...) os primeiros dias junto com sua família foram estranhos(...). Marinho, o irmão caçula, não sabia que Fabiane era sua irmã. Pensava que era uma priminha, que passava férias em casa.” (MFH, p.39/40)

“No início de sua vida, morava em Mococa, interior de São Paulo. (...) Ela não tinha mais de quatro anos quando o pai a levou para Limeira, onde havia uma sala especial para surdos (...) Uma professora informou ao seu pai que em São Paulo tinha uma escola especializada para surdos. Seu pai, sempre muito preocupado com o desenvolvimento e escolaridade da filha, logo foi em busca de informações. Procurando o melhor, encontrou o Instituto Santa Teresinha, uma escola só para meninas surdas. (...)” (MFH, p. 67/68)

“Quando chegou na escola, a mãe de Alex foi informada que a escola funcionava em regime de internato mas os pais tinham a opção de buscar os filhos nos fins de semana. Aproximadamente metade dos alunos da escola era órfã e uma grande parte tinha pais que residiam no interior e que só encontravam os filhos nas férias (...) Neusa estava convicta de que precisava fazer o melhor para o filho. (...) Alex permaneceu nesta escola até os nove anos de idade. As lembranças são tristes...” (MFH, p.154-155)

“Era uma escola especial para surdos. (...) Aos 8 anos, José, meu pai, foi matriculado na escola, que hoje já não existe mais.(...) Não sabia que a partir daquele momento deixaria de viver no aconchego da sua família, junto com seus pais e 7 irmãos, para ficar num internato. Aqueles dias lhe trouxeram uma grande tristeza. Sentia muita falta da família. Chorava muito tentando aliviar sua tristeza.” (MFH, p.118) **Este relato é de uma surda, filha de surdos.**

É importante lembrar que em nenhum dos relatos as crianças ou jovens foram separadas de suas famílias para serem entregues aos cuidados do “povo surdo”.

Assim, pelo que entendo, a idéia do afastamento forçado é fazer com que os surdos adquiram os valores lingüísticos e culturais da maioria ouvinte. O conceito de **DESTERRO** que proponho, passa a ter um valor duplo, pois, ao mesmo tempo em que a família deixa de ser a referência emocional e cultural em função da não convivência, o espaço substitutivo não é uma referência ligada a uma outra cultura (surda) e

sim uma espécie de laboratório do que podemos chamar de cultura ouvinte.

Mais recentemente, a partir dos anos de 1990 aqui no Brasil, o surdo não mais vem sendo afastado do convívio familiar mas enfrenta, em escolas ou classes especiais para surdos (quando não em APAES de cidades pequenas que reúnem pessoas com diversos tipos de deficiências) a mesma situação laboratorial para aprendizado da cultura ouvinte.

Surge então uma outra tensão (que pode conviver com o **DESTERRO**), a **SOLIDÃO**.

"Fabiane, apesar das dificuldades e preconceitos que viveu por ser surda, 'esqueceu' que era surda. Sua identidade surda havia sido perdida na infância. Nunca conviveu muito com a comunidade surda, não lutou pelos interesses dos surdos e pelo direito dos Sinais enquanto língua. Era bom viver, trabalhar, namorar e estudar apenas com ouvintes. (...)" (MFH, p. 44/45)

"Cresceu sem atenção completa dos pais, sem amigos, era uma vida triste! (...) Da infância não lembra quase nada, estava sempre de lado, não o convidavam para nada, não sabia brincar com os ouvintes, não entendia as regras dos jogos. Estava sempre fora dos grupos, sozinho e triste." (MFH, p. 134)

"E, em certos momentos, quando não conseguia me comunicar, dizer tudo o que tinha vontade de pedir, de entender, ou quando não havia resposta, aí então pensava na morte. Tinha medo. Sei agora por quê: nunca tinha visto adultos surdos. Somente tinha visto crianças surdas na classe especializada da escola maternal onde estava. Portanto, na minha cabeça, as crianças surdas nunca cresciam. Iríamos morrer, assim, pequenos." (VG, p.32)

"As coisas mudaram, em sua visão, quando começou a crescer... As amigas também cresceram, começaram as paqueras e a vergonha de ter uma surda no grupo, o relacionamento não era mais o mesmo, explicar para os meninos que ela era surda parecia tão difícil... Sylvia sentiu o preconceito pela primeira vez". (MFH, p. 27)

"Foi uma situação muito constrangedora. Todos a ficaram olhando como se fosse um bicho e ela ficou muito envergonhada (...) Na verdade os ressentimentos ficaram guardados, estacionados.

Nunca mais Fabiane esqueceu o desprezo e a falta de respeito que viveu". (MFH , p. 41)

"Nas aulas não era permitido o uso dos Sinais. O Instituto Santa Teresinha oferecia uma educação oralista, onde o maior intuito é ensinar o surdo a falar. Se alguém fizesse um sinal a professora batia nas mãos para que não acontecesse mais.

Um dia a menina Fabiane estava apertada, com muita vontade de fazer xixi. Com as pernas se cruzando pediu para ir ao banheiro. Mas não sabia falar direito. A professora explicou **ba-nhei-ro** e exigiu que ela repetisse a palavra. Não conseguiu e fez xixi na calça. Foi uma situação muito constrangedora." (MFH, p. 39)

Poderia encerrar este artigo por aqui e deixar meus leitores convencidos (assim eu acredito) que os pobres surdos realmente não irão encontrar uma saída para esse impasse: ou ficam isolados da língua de sinais, da comunidade surda e sua cultura, ou são duplamente desterrados: de sua família e de uma oportunidade de conviver com o tal "povo surdo".

Não é assim tão simples, claro!

Foi nas escolas-internato, especialmente a partir da Revolução Francesa, que as comunidades surdas começaram a se organizar e as línguas de sinais passaram a ser utilizadas até mesmo como língua de instrução.

Surdos formados nessas instituições passam a ser professores dessas escolas, outros fixam residência por perto, casam-se entre eles e têm filhos (em geral ouvintes, que se transformam naturalmente em falantes e intérpretes das línguas de sinais das comunidades).

Aqueles que retornam para suas cidades de origem, politizados pela convivência na escola-internato após tantos anos, fundam associações de surdos ou clubes surdos. No Brasil, em 1857, com a fundação do INES/INSTITUTO NACIONAL DOS SURDOS, que na época era denominado Imperial Instituto de Surdos-Mudos, este cenário se repete integralmente. Não foi por acaso que a FENEIS/Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos surge no Rio de Janeiro em 1987.

Podemos afirmar que foi a partir do final do século XVIII que os surdos de todo o mundo iniciaram seu processo de estabelecimento do que podemos sim, chamar de "povo surdo". Uma cultura própria e coesa, ligada pela força das línguas de sinais. Que são tantas ou mais quanto as línguas orais.

Hoje, os surdos estão organizados em uma Federação Mundial com sede em Roma/Itália, que reúne associações de quase todo o mundo e representa, segundo eles, mais de 70 milhões de pessoas.

No Brasil o cenário é bastante otimista. Mesmo com uma parcela significativa das comunidades surdas organizadas ainda serem contra a política inclusiva do MEC é inegável que a partir de 2002 os investimentos governamentais em capacitação de professores para as classes inclusivas, de professores de Libras surdos e ouvintes³, além das determinações do Decreto 5.626 que exigirá a presença de intérpretes em instituições públicas, materiais didáticos e outros em Libras etc, dão algumas pistas que o momento é o ideal para que possamos discutir conjuntamente surdos e ouvintes, com especial interesse no que eles nos têm a dizer em todos os aspectos de suas vidas.

As tensões que apresentei neste artigo são apenas duas, entre muitas outras que precisam ser levantadas e avaliadas em conjunto. Só assim acredito que iremos construir de comum acordo uma sociedade em que a contribuição dos surdos seja mais efetiva e a dos ouvintes mais generosa.

O OUTRO sempre será aquele que não sou EU, mas que ele seja *Eros* e não *Tanatos*. Mais desejo e menos medo.

Bibliografia

BORGES, Ana Isabel e NERCOLINI, Marildo José. "A (im) possibilidade da tradução cultural." In *Congresso Brasileiro de Hispanistas*. 2002.

LABORIT, E. *O vôo da gaivota*. São Paulo: Best Seller, 1994 (ed. Orig.). (VG)

PESSOA, F. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

³ A primeira turma do Curso EAD Letras-Libras colocará no mercado 450 professores em 2010 e a segunda turma tem sua formatura prevista em 2012, com 900 professores, em sua grande maioria surdos.

STRNADOVÁ, V. *Como é ser surdo*. Petrópolis: Babel, 2000. (CSS)

VERGAMINI, S. A.(org.) *Mãos fazendo história*. Petrópolis: Arara Azul, 2003.
(MFH)

Clélia Regina Ramos é jornalista (USP) e doutora em Semiologia (UFRJ). Vem trabalhando desde 1991 com a proposta de traduções de textos escritos para a Libras/Língua Brasileira de Sinais. Atualmente é gerente editorial da Editora Arara Azul, onde coordena equipes de tradutores surdos e ouvintes.